

O afeto e a liderança: o encontro entre “Nós” e “Eles” no discurso de *Mein Kampf*

Leonardo de Oliveira Schneider*

Resumo: O presente ensaio dedica-se à reflexão crítica em torno das teorias sobre populismo abordadas por Viscardi (2020), investigando padrões atribuídos ao discurso político de campanha da extrema-direita. Mais especificamente, o trabalho dialoga com a abordagem discursiva ao focar um dos momentos mais críticos da formação do partido nazista e de sua base. Observam-se elementos do discurso populista na obra *Mein Kampf* (1925), de Adolf Hitler, por meio do levantamento de trechos que reverberam um discurso voltado ao resgate interacional das massas, a fim de consolidar uma base por meio do afeto e do encontro entre líder e seguidor. Nota-se, também, uma argumentação canibalizadora das oposições e enaltecedora de si como grupo único, detentor da salvação heroica e, quase, mítica.

Palavras-chave: Ditadura; Liderança; Afeto; Discurso; Nazismo.

Abstract: The present essay seeks to dedicate itself to critical reflections about the theories on populism addressed by Viscardi (2020), investigating patterns attributed to the political discourse of the far-right campaign. More specifically, this essay dialogues with the discursive approach by focusing on one of the most critical moments in the formation of the Nazi party and its base. Hence, it is possible to observe elements of the populist discourse in *Mein Kampf* (1925), by Adolf Hitler, through the survey of excerpts that reverberate a speech aimed at the interactional rescue of the masses, to consolidate a base through affection and the encounter between leader and follower. There is also an argument that cannibalizes the opposition and praises itself as a single group, holder of heroic and almost mythical salvation.

Keywords: Dictatorship; Leadership; Affection; Speech; Nazism.

* O presente ensaio foi desenvolvido a partir de uma proposta do professor Daniel do Nascimento e Silva, da disciplina de Filosofia da Linguística, pelo graduando do curso de Letras — Literaturas e Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Santa Catarina.

1. Introdução

Que houve, na história, incontáveis posses de líderes imponentes, inconsequentes e ditadores, sabe-se bem. No entanto, há mais o que explorar dentre as camadas que reverberam os motivos de suas ascensões ao poder e, consequentemente, o que tornou isso possível: o “afeto”. Nesse contexto, o afeto nos aparece entevado ao discurso político populista que convoca massas a apoiar causas, partidos, revoluções e afins, inclusive tendo rendido muitos estudos voltados ao seu entendimento, desde Ernesto Laclau (2005) a Jacques Lacan (1988, 1993, 1998). Sendo assim, a proposta deste ensaio volta-se para uma das figuras mais contestáveis e, simultaneamente, manipuladoras do século XX, tendo em vista a intenção de analisar o livro *Mein Kampf* (2016), de Adolf Hitler, publicado originalmente em 1925, e traçar, dentre seus artifícios literários, padrões populistas voltados ao afeto, tais quais os discutidos por Viscardi (2020). Ou seja, a intenção, nesta reflexão, é dedicar-se à análise crítica das manifestações do discurso populista, investigando padrões já atestados na campanha política de partidos da extrema-direita, e dialogando com uma abordagem discursiva ao retomar um dos momentos mais críticos da formação do partido nazista e de sua base.

Segundo Eva Diniz e Silvia Koller (2010), com base nos estudos sobre o afeto desenvolvidos por Urie Bronfenbrenner (1977), há, no processo de aproximação interpessoal, um desenvolvimento processual das relações entre as diferentes personalidades que é necessariamente interacional, algo parecido com um encontro entre dois dissemelhantes que buscam semelhanças entre si. Trazendo isso para o “discurso ditador”, podemos relacionar a aproximação das massas com uma representação icônica/mítica de liderança com fins de resgate e sucesso interacional na reverberação de discursos, pois é seguro afirmar, com base em estudos como acerca da importância da oratória, como Matheus Lima (2020) e Victor Salgado (2019): não há, na historiografia das lideranças autoritárias que tenham alcançado suas pretensões, personagens fracos e de má oratória. Isso evidencia, de certo modo, a importância da oratória para conseguir resgatar as massas, o “rebanho”, de uma liderança — algo que o “personagem político” de Hitler (2016) chegou a admitir no prefácio do livro *Mein Kampf*, quando afirma que “se conquistam adeptos menos pela palavra escrita do que pela palavra falada” e que “as grandes causas devem seu desenvolvimento não aos grandes escritores, mas aos grandes oradores” (HITLER, 2016, p. 3). Entendemos, hoje, a que “grandes causas” o seu discurso se referia.

Logicamente, o que segue é uma sucessão de tentativas de resgate interacional de leitores, mediadas pelos artifícios literários e um discurso hostil, porém afetivo — atenta-se que o primeiro volume foi escrito no período em que Adolf Hitler estava preso, e prestes a fundar o partido nazista — o que será analisado nesse ensaio com base no estudo Carl Cederström e André Spicer (2014) que, fundamentando-se em Lacan (1988, 1993, 1998), em torno do afeto, menos no sentido político, mais no da aproximação entre interlocutores, categorizaram três concepções: a “*objet petit a*” (CEDESTRÖM; SPICER, 2014, p. 186) diz respeito a um objeto indutor de desejo e catalisador do discurso; “*jouissance*”

(CEDESTRÖM; SPICER, 2014, p. 186) a um prazer agudo acompanhado da sensação de dor; e a “fantasia” ao que contempla cenários fictícios “nos quais a unidade acontece em torno de um objeto de desejo comum” (CEDESTRÖM; SPICER, 2014, p. 193). Além disso, o conceito de “fantasia” pode ser dividido em “estabilizadora” e “desestabilizadora” (CEDESTRÖM; SPICER, 2014, p. 193). Atentemo-nos à “fantasia” para discutir a questão problematizadora. Tal noção pode ser compreendida a partir dos exemplos abaixo, retirados da mesma pesquisa;

(iii.a) Cartões de segurança, durante voos, costumam apresentar um possível acidente de avião “como um pouso suave na água” (milagrosamente, sempre deve acontecer na água!), em que cada um dos passageiros coloca o colete salva-vidas e, como em um tobogã de praia, desliza para a água e dá um mergulho, como numa agradável experiência de férias coletiva na lagoa sob a orientação de um experiente instrutor de natação (CEDESTRÖM; SPICER, 2014, p. 193).

Essas fantasias estabilizadoras tranquilizam e criam um ambiente equilibrado por meio da idealização utópica, onírica, e frequentemente sutil:

(iii.b) Quando grandes sistemas de informação raramente cumprem seus objetivos e se tornam caros e difíceis de gerenciar, alguns culpam a ignorância da alta administração, a preguiça dos gerentes intermediários ou simplesmente a resistência do usuário (CEDESTRÖM; SPICER, 2014, p. 193).

Já essas, desestabilizadoras, são capazes de desqualificar os culpados por meio da atribuição de uma intenção maliciosa aos seus feitos. Esse tipo de fantasia permite canibalizar e desqualificar alguém por meio de uma concepção leviana, superficial e parcial, arbitrariamente, no âmbito que distingue o “bem” do “mal”; em que o mal ocorre deliberadamente por “eles”, enquanto o “nós” surge como figura salvadora e detentora dos poderes únicos de combate aos malfeitores (VISCARDI, 2020).

Contudo, a questão problematizadora está centrada no estudo do discurso mediado pela escrita organizada por narrativa literária, como reverberação da oratória, e organizada literariamente, num momento em que ainda não havia a figura formada de Adolf Hitler como líder empossado (ditador) — algo como um “discurso candidato”, sob o contexto da época em que estava para fundar o partido nazista (“nacional-socialista”, em oposição ao “socialista”). Relacionado a isto, a seguir, detalho a perspectiva teórico-metodológica seguida pelo ensaio — isto é, a Análise Crítica do Discurso (ACD) — para, então, discutir as fórmulas por detrás de um discurso tão inconsequente e abominável, bem como os motivos de ter conseguido formar uma base tão consolidada seguindo padrões de oratória e escrita ainda encontrados no populismo de candidatos em campanhas eleitorais atuais.

1.2. Análise Crítica do Discurso e o Populismo

Transdisciplinar que é, não diferentemente, nessa proposta, a Análise Crítica do Discurso (ACD), aparece ligada às diferentes concepções simbólicas daquilo que é disposto aos que interagem com determinado discurso veiculado. Logo, o que está em jogo é a

interpretação de um discurso produzido pelos próprios artifícios da linguagem como prática social e, logicamente, o seu funcionamento como meio de controlar, manipular e exercer poder. Desse modo, diferentemente de uma análise meramente gramatical, a estrutura das sentenças pouco importa à ACD, pois seu foco permanece voltado ao uso simbólico das ferramentas que a linguagem dispõe — o que não a afasta de uma vertente da análise linguística.

Pode-se dizer, então, que, na concepção da teoria elaborada por Norman Fairclough (1989), o discurso é uma forma de representar e entender o mundo. Fairclough (1989) entende o discurso a partir da noção de prática, a partir dos “processos de produção, distribuição e consumo do texto, que são processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares” (RESENDE; RAMALHO, 2005, p. 29). No presente trabalho, a perspectiva de discurso adotada advém tanto das elaborações da ACD quanto de outras abordagens, como a teoria do discurso que Ernesto Laclau (2005) adotou para o estudo do discurso político, em especial do populismo.

Segundo Fabio Ferreira (2011), com base em Laclau (2005), o discurso populista constitui uma desestrutura — referente a uma crise e ao consequente afrouxamento estrutural do sentido — que implica, nos campos social e político, na disputa por espaço, como numa guerra de trincheiras, em que políticos buscam pelo maior número de apoiadores e aliados. Assim sendo, quando determinado discurso passa a perder interactantes que o reverberem, abre-se espaço para que outros discursos resgatem esses passíveis a aliados, o que Viscardi (2020) aborda com precisão na análise da interação entre líder e base na ótica populista da extrema-direita brasileira. Quer se dizer, portanto, que as abordagens de discurso que esse ensaio adota, como a ACD e a teoria do discurso do Laclau, estão diretamente ligadas ao campo social quando atentas às questões semióticas existenciais de uma sociedade, de um enorme grupo de pessoas e suas convenções sobre aquilo que as entorna. Entende-se, do mesmo modo, que o social e o político estão correlacionados na constituição dos discursos:

Quando as demandas dos cidadãos e dos diferentes grupos e setores sociais não são minimamente satisfeitas pela gestão de governo no Estado se origina um descontentamento geral que provoca uma rejeição discursiva e afetiva tanto por identidades individuais quanto coletivas e, mais tarde, se produz uma relação de oposição entre dois polos. [...] Desse modo, o governo (como um dos polos) fica sem legitimidade social e política, e os diferentes setores sociais (como outro dos polos) aparecem sem representatividade na estrutura de gestão do Estado (PEREZ, 2018, p. 172).

Sendo assim, neste trabalho, a noção de discurso é essencial para discutir as informações que moldam o entendimento sobre aquilo que nos entorna enquanto sociedade, pois “este social é ontologicamente político à medida que se estabelece fronteiras entre as identidades e, também, [...] em constante disputa pela imposição do sentido” (FERREIRA, 2011, p. 18). Além disso, um sentido, em constante disputa, é capaz de direcionar, no cenário político, aqueles que conseguem, ou não, alcançar o poder por meio

do discurso “vencedor” e “resgatador” das massas. Portanto, discursos que mais reverberam, nesse sentido, são os que possuem maior chance de criar laços de afinidade com uma base sólida, resgatando apoio necessário para alçar conquistas e pretensões políticas enquanto agentes e/ou candidatos políticos.

Cabe apontar, entretanto, que, não tão distante da Análise do Discurso de orientação francesa, a teoria da ACD possui um método de características próprias, tal qual o fato de não permanecer em posição neutra sobre o material que se quer analisar; seja ele livro, música, poema ou outro mediador. Leva-se em consideração, durante a análise, um compilado de procedimentos para entendimento efetivo das inferências sociais de determinado discurso de tal época, bem como nas mudanças históricas atestadas. Nota-se, entretanto, e como já citado, que a análise proposta pretende focar na parte psíquica do discurso populista, ou seja, na influência das práticas discursivas sobre o comportamento das pessoas e suas concepções de mundo, tornando esse ensaio um ambiente de diálogo entre diferentes abordagens acerca do discurso.

Dentre as teorias já citadas, cabe explicitar melhor o entendimento acerca do afeto. Na concepção desse trabalho, parte-se da premissa de que há angústia naqueles que estão desamparados, que não se sentem representados na figura de outro. Na política, isto pode ser, até, bem explícito quando olhamos para o ambiente de crise citado anteriormente, pois, havendo uma ruptura das pessoas com a figura de representação política, na relação sujeito *vs.* significante, as pessoas passam a estar desamparadas pelo governo empossado e atuante. Entretanto, a angústia já faz parte do “afeto”, é um dos motivos para a existência passível de um sentimento de afago por uma nova representação. Portanto, havendo desamparo, há abertura para que outra figura de liderança política, um partido e suas ideologias, criem a falsa sensação de afeto nas pessoas desamparadas.

Para Laclau (2005), a identificação do povo com o líder, mobilizada de maneira fundamental a partir dos afetos, é central para a representação, sendo ambas as categorias produzidas performativamente, o que levaria o populismo a ser um “ato performativo imbuído de racionalidade própria” (VISCARDI, 2020, p. 1138-1139).

Ainda com base em Fairclough (2012), deve-se ter em mente, ao fim desta seção, que um discurso não é um fato, mas parte importante de um, e está diretamente relacionado a notáveis mudanças e eventos históricos, tal qual o abordado no presente ensaio: a ascensão do nazismo em um ambiente de crise e consequente sentimento de “despertencimento” afetivo por parte do povo alemão na década de 1920, que culminou, gradualmente, no fortalecimento de uma figura de liderança em Adolf Hitler às vistas do povo, então suscetível a tornar-se base consolidada, e calibrada ao discurso em questão, qual pode ser encontrado mediado em *Mein Kampf*.

1.3. O “Nós” e o “Eles” na concepção de Bem e Mal

Parece simplista reduzir o discurso que promove um movimento tão forte à responsabilidade do “afeto”, porém, ao aprofundar-se na discussão, deparamo-nos com a complexidade deste sentimento como eficiente artifício de manipulação, seja no interior das vontades políticas ou além. Podemos pensar a questão não somente em torno da aproximação, mas também na ausência do “sentir-se representado” na e pela imagem de outro – portanto, nivelando o nível de afeto. Ao passo que um grupo de pessoas, por exemplo, não se sente representado por uma liderança e pelas vontades ideológicas que carrega consigo – aglutinando a isto um ambiente de crise, que gera empecilhos e dificuldades – perde-se ovelhas no rebanho, as quais, por sua vez, tendem a continuar insatisfeitas e distantes de qualquer representatividade e, assim, passíveis de serem resgatadas por outrem. Nesse ponto, entra o fator crucial do sucesso interacional do discurso, por parte dos líderes, para resgate e agrupamento de uma base sólida, que defenda os mesmos ideais e dissemine seus discursos.

O “afeto”, nesta análise, faz parte do jogo do discurso de resgate de seguidores vinculado à concepção de “fantasia” (CEDESTRÖM; SPICER, 2014, p. 193), que pode ser utilizada para desequilibrar o discurso da oposição ou mesmo enaltecer o “nós” como detentor onírico das verdades, benfeitor e único combatente de todo o mal cometido por “eles”. Logo, há um processo longo inserido na subida ao poder pelos políticos que adotam o populismo, e esses tendem a se apropriar de alguma fraqueza criada por um ambiente de insatisfação, devido a alguma crise da esfera política, utilizando o que Carl Cedeström e André Spicer (2014) chamam de “fantasia desestabilizadora” para proporcionar aquilo que Viscardi (2020) cita como os dois blocos estimulados, principalmente, hoje, no discurso da extrema-direita americana (entre “nós” e “eles”), numa atribuição deturpada e parcial do que seria bom e correto à si, e, à oposição, o que há de mau e incorreto.

Tendo fortalecido esses dois blocos, o político traz em seu discurso mensagens corporificadas e de impacto. Os insatisfeitos, espelhando tamanha atitude, passam a sentir-se representados por ele e disseminam os comportamentos da liderança. Nesse momento, já há base consolidada e um discurso forte, de mensagem firme e impactante. Isso se deve, claro, ao sentimento de insatisfação (ausência de afeto em relação aos governantes anteriores e/ou atuais), que possibilita ao novo candidato à liderança resgatar as massas por meio da desestabilização do oponente, jogando-o ao bloco do “eles”, da oposição maléfica e causadora de todo o mal presente; cria-se, portanto, um “vilão” para haver o “herói”.

Todo o processo descrito acima envolve tanto o afeto, na aproximação dos insatisfeitos com a figura mítica de um salvador heroico e no distanciamento para com a oposição, quanto o conceito de fantasia, em que tal “herói” enaltece caricaturas de forma fabulosa para agregar ao discurso fantasioso e populista – que se mostra preocupado com a interação e resgate de massas – o que será pautado, a partir daqui, em excertos de discursos do ditador nazista, Adolf Hitler (2016), num momento anterior à sua subida ao

cargo de chanceler da república de Weimar, e da conseguinte junção da chancelaria ao cargo de presidente, ou seja, da formação do Terceiro Reich.

2. O livro e a vulnerabilidade do povo

Também referenciável como a “Bíblia Nazista”, o primeiro de dois volumes do livro *Mein Kampf*, publicado em 1925, é fruto de uma das primeiras tentativas de ascender a repercussão do “partido nacional-socialista”, durante o período em que Adolf Hitler permaneceu preso em Landsberg am Lech, por conta da tentativa de golpe à república – quando os “nazi” (como eram chamados) ainda não passavam dos 3% de votos no parlamento, e seu discurso reverberava muito pouco ou quase nada dentro da república.

Como um livro qualquer, possui organização em tópicos, com prefácio, sumário etc., porém, o que se encontra em sua narrativa o diferencia de qualquer livro imaginável, sob a consciência humanitária e racional que hoje temos. Há trechos autobiográficos, idealizações, manipulações e muito ódio catalisador ao apontar causas e soluções à crise econômica que se seguia. A unificação nacionalista, ponto fulcral das ideologias fascistas, a concentração do poder a um *Führer* e o que – o então futuro ditador – chamava de nacional-racialismo moldam este material deplorável, que, futuramente, na Alemanha nazista, seria de obrigatória aquisição não-oficial, servindo de manual às propostas desumanas que ele havia teorizado.

Segundo Luis Doncel e Ricardo de Querol (2016), em um artigo publicado pelo site El País — acerca da problemática envolvendo a redistribuição de exemplares do livro —, ninguém que tivesse lido minuciosamente o livro em questão teria se surpreendido pelo que veio depois, pois o mesmo apresenta todas as ideias antissemitas, nacionalistas e racialistas que movimentaram as decisões do partido nazista, quando empossado, carregando consigo teorias e argumentações do nacionalismo racista já existente na Europa do século XX, e já a moldar-se como epistemologia de sua campanha à subida ao cargo de chanceler, o que levou à proibição de venda e aquisição após o fim do Terceiro Reich — proibição que foi repensada várias vezes justamente pela necessidade de estudar tal discurso. Isto implica, de certo modo, na necessidade de entrar em contato com a obra para entender melhor como Hitler (2016) manipulava seus seguidores, tanto que, após o fim da retenção dos direitos do livro, em 2016, várias editoras, de vários países, incluindo a Alemanha e até mesmo a França, publicaram suas traduções com a complementação de análises dos conteúdos ali inseridos e das meias-verdades encontradas.

Logo, consideremos o potencial de análise dos primeiros capítulos do livro na epistemologia historiográfica que considera o conteúdo do passado, discutido e criticado no presente, a fim de não permitir o retorno de tais ações no futuro. Todo o conteúdo deste livro é, sim, de cunho negativo e mal-intencionado, mas há de se compreender a importância de analisar, de forma crítica e reflexiva, os discursos problemáticos que reverbera, para então reconhecer, no presente, os repetidos padrões populistas de manipulação das massas que podem levar à consolidação de bases afetivas aos líderes, e

hostis às oposições que os mesmos geram. A figura de Hitler entrou, assim, para a história como um dos maiores genocidas já existentes, talvez um dos humanos menos dotados de “humanidades”, e ignorá-lo, hoje, talvez seja a pior das possibilidades, dada a importância da análise crítica para a compreensão do que nos cerca, ou melhor, como abordado em Luis Doncel e Ricardo de Querol (2016): para gerar anticorpos diante do perigo da extrema-direita e do fascismo, cada vez mais presente.

2.1. Discurso populista em *Mein Kampf*

2.1.1. Público alvo

Acorrentado à imagem de Adolf Hitler, o discurso nazista tem sua rubrica do início ao fim, porém, muito reverbera das teorias já veiculadas na Europa da virada do século XIX para o XX, quando o próprio, por influência de um professor de “História”, de ideais antissemitas, passou a fazer parte do movimento denominado nacionalismo-racista. O livro, entretanto, aparentemente, de início, denota uma escrita pessoalizada e algo que Viscardi (2020) aponta, ainda hoje, como a falsa proximidade, possibilitadora do afeto, nos discursos de extrema-direita: o estar calibrado com o discurso antes mesmo de entrar em contato com o que se enuncia.

Hitler (2016), ainda no prefácio, afirma que o conteúdo de seu livro não se dirigiria a estranhos, mas aos já adeptos do movimento, justamente por considerar a escrita como ineficiente ao sucesso interacional quando comparada à oratória. De início, temos trechos autobiográficos que tratam de seu afeto pela terra natal e o desejo de retomá-la à “pátria alemã”, e ódio à França, devido à guerra franco-alemã, afirmando, já sob um discurso fascista sob o invólucro de “união do povo”, ser necessário reunir todos os alemães dignos – o que parece contrariar sua aversão à escrita como meio para o resgate interacional.

Outra questão importante de se atentar é ao fato de Hitler (2016) considerar uma base irreflexiva, já encabrestada, ao extinguir a possibilidade de um narratário enquanto leitor, direcionando sua obra a um público-alvo e de única intenção: disseminar seus ideais.

2.1.2. “Nós”, “Eles” e o resgate interacional

Uma implicação importante de Viscardi (2020), que se encaixa, também, neste discurso, é a emancipação em blocos. Hitler (2016) atribui às lutas a existência de três classes: os lutadores, os indiferentes e os traidores. Logicamente, o autor de tal afirmação se coloca no grupo dos lutadores, bifurcando a algo ainda mais delirante, ao afirmar que os “meninos de sangue alemão” deveriam agir como alemães e as “meninas” pensar-se como “futuras mães alemãs”. Ele ainda toma posse de um discurso voltado ao resgate dos jovens, do sexo masculino, ao dizer que “quem conhece a alma da juventude poderá compreender que são justamente os moços que com mais intensa alegria ouvem tal grito de guerra” e “de centenas de maneiras diferentes, costumam dirigir essa luta” (HITLER, 2016, p. 15): novamente, demonstrando seu interesse na aproximação aos leitores e no tento do resgate

de um público específico – ou seja, os jovens – à sua base. Importa, entretanto, separar, segregar e demonizar os diferentes, a oposição, para então resgatar os que importam ao discurso.

Logo, este resgate populista aparece escancarado neste trecho, ao passo que os contrastes entre a figura salvadora (nazi, unificada, militarizada, nacionalista, patriota, antissemita...) e a figura vilã (que inclui judeus, os de “sangue impuro”, os estrangeiros, não-patriotas e não nacionalistas) fortificam-se nos dois blocos que Viscardi (2020), com base em Wahl-Jarghensen (2018), nos traz. Cabe ressaltar ainda que, ao colocar-se no grupo dos “lutadores”, Hitler utiliza de sua “imagem criança”, humana, para afirmar reconhecer, na escola, a luta pela língua e o viveiro das gerações futuras, o que implica no subtópico seguinte.

2.2. A verdade que convém

Em um trecho não muito distante, Hitler ainda utiliza de sua imagem personificada de criança ingênua (aproximando-se da figura infantil, comum, que qualquer um poderia ter), abordando suas experiências na escola (assunto em comum, que poderia denotar proximidade para com o leitor), que, neste momento, já era obrigatória na Alemanha. Neste ponto, ele passa a se usar como exemplo do que seria um aluno alemão atendo-se à disciplina de História Universal, sobre a qual afirma: “muito deixa a desejar” (HITLER, 2016, p. 16).

Segundo ele, o ensino da História Universal nas escolas médias não deveria se ater a decorar datas e acontecimentos, ou mesmo obrigar o aluno a saber quando uma batalha ou outra havia acontecido, mas sim “procurar e encontrar forças que conduzem às causas das ações que vemos como acontecimento histórico” (HITLER, 2016, p. 16). Torna-se importante atentar ao fato de que a reflexão que faz, na verdade, trata-se de uma demonização dos professores que não pregavam o que havia sido disseminado a ele, tal qual o conteúdo nacionalista-racista, antissocialista etc. Procurar e encontrar forças, neste caso, reduz-se mais a, como ele afirma, “conservar o essencial, esquecer o dispensável” (HITLER, 2016, p. 16) do que pensar de maneira crítica e reflexiva sobre os acontecimentos. Isto nos leva à questão mais importante a ser analisada, aqui: a quem pertence o que é essencial? Quando o essencial é realmente essencial, e quem o decide como tal?

Trata-se, entretanto, da apropriação da “verdade” no jogo do discurso, algo encontrado ainda hoje em campanhas populistas, para culpar alguém pela decadência e pelo ambiente de crise, o que começa, neste exemplo, com a demonização dos professores não nacionalistas e que não empregavam, no mesmo tom, uma vontade “revolucionária” aos seus alunos. Contudo, deve-se ter em mente a real intenção aparente: aproximar-se do leitor como sendo um adulto de frustrações cotidianas iguais às dos leitores deste livro, na época, possíveis candidatos à base, e tornar-se, assim, mais próximo dos mesmos por meio da representatividade promovida pelo afeto.

2.2.1. O ápice do afeto e o Império descerebrado

O ápice da referida aproximação da imagem de líder e fundador do partido nazista para com sua futura base, ainda avulsa de qualquer liderança, está, no meu ponto de vista, no capítulo que segue o primeiro. No entanto, ainda no capítulo I do livro, Hitler se dedica intensamente a colocar-se como oprimido por tudo que havia acontecido em sua infância e adolescência. De fato, olhando para os acontecimentos que descreve, constatamos a crueldade de séculos e culturas passadas, intrínsecas às famílias e seus costumes, bem como as dificuldades sanitárias do século XIX, e, realmente, uma criança oprimida por isso. No entanto, levando em conta a arquitetura de seus discursos e a capacidade de manipulação do sujeito aqui abordado, não nos espantaria se tratar de parte da pretendida manipulação.

Hitler faz uma construção narrativa do que seria a história da Alemanha como caminhando junto à sua imagem humana sem pátria por conta da incompetência de governantes anteriores e atuais — quando escreveu. Atribui às perdas e à inabilidade ao “Eles”, e ao “Nós” a capacidade de mudar o espectro de crise. Cria, por meio disso, a fantasia de que, neste ambiente desequilibrado, segundo ele, causador dos desempregos e da ausência de pertencimento a uma pátria, estaria, como qualquer outro, recém oprimido, trabalhista, operário, vitimizado, e com as melhores das intenções ao optar pelo racismo.

Encontramos, neste personagem fictício de candidato, um sujeito comum à época; não gostava de escola, ia contra as vontades do pai e estava insatisfeito com as decisões de seus governantes; queria uma profissão, lhe deram outra; sonhava ser pintor, acabou servente de operário; apanhava quando criança; amava seus pais, apesar de tudo; os perdeu ainda muito jovem; havia crescido e se formado pela violência de seu pai; dentre tantas outras experiências semelhantes às de quaisquer outras pessoas da época em questão. Tudo isso constrói uma imagem de representatividade no povo, que naquele momento, em sua maioria, sofria com o desemprego e a maior crise histórica vista por eles até então. Seria fácil, portanto, criar uma imagem oprimida para resgatar nos leitores a vontade de lutar contra os que define como opressores, pois isso era um espectro muito comum, até mesmo na burguesia, e neste ponto entra a questão principal de sua intenção manipuladora ao deslocar a pauta “opressor” vs. “oprimido”.

Ao encontrar-se desolado em suas frustrações, o personagem que cria de si mesmo na narrativa procura inimigos causadores do mal que lhe entorna. O culpado do alto custo e da baixa remuneração, recaiu, principalmente, — como hoje sabemos — aos judeus e marxistas, ou mesmo aos judeus de credo marxista. Logo, o “nós”, os oprimidos, seriam os de “sangue alemão” vitimados pela crise, causada por “eles”, os judeus. Apelando para os trabalhadores que sofriam com a crise econômica, após a guerra Franco-Prussiana e a Primeira Guerra Mundial, Hitler se aproxima dos mesmos e os resgata ao seu discurso de maneira tão eficiente que consegue demonizar ideologias, movimentos, crenças e partidos.

Os eixos que cria passam a se fortalecer, a partir destes primeiros dois capítulos, por meio da base afetiva que opta em usar ainda de entrada, ao colocar sua figura vulnerável e humana em contraste com os “detentores de poder”, “incompetentes” e “mal-intencionados”. Até mesmo ancora-se em algo presente nas crenças de muitos para fins de aproximação: o deus da cultura cristã.

A natureza sempre se vinga inexoravelmente de todas as usurpações contra o seu domínio. Por isso, acredito agora que ajo de acordo com as prescrições do Criador Onipotente. Lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus (HITLER, 2016, p. 32).

Torna-se nítida a vulnerabilidade do povo em seu contexto quando nos atentamos à vagueza e irracionalidade do discurso de Hitler, bem como quão interacionalmente bem-sucedido este foi em levá-lo ao poder e à formação do, segundo Luis Doncen e Ricardo de Querol (2016), império descerebrado.

Considerações finais

Ao passar os olhos sobre os dois primeiros capítulos, preocupando-se com a análise do discurso, percebemos abruptamente a manipulação pelo autor da obra, e qual a real intenção por detrás da autoria. O livro não é biográfico, tampouco um romance, somente um aglomerado de argumentações de resgate interacional voltado a ser justamente o que consegue ser em todo o seu desenvolvimento: uma bíblia nazista.

A cartilha que abordei aqui foi planejada exatamente para mediar as ideias que o autor tinha em mente. Há, em todo momento, preocupação em fomentar-se como um líder de valores e características heroicas, únicas, de convencimento característico do resgate interacional populista. Cabe ressaltar que, em 1925, a Alemanha acabava de sair da maior hiperinflação – ocorrida em 1923 – desde o Tratado de Versalhes, o que acaba dando espaço ao conceito de “fantasia” (CEDESTRÖM; SPICER, 2014, p. 193). O conceito de “fantasia desestabilizadora” (CEDESTRÖM; SPICER, 2014, p. 193) está presente no aproveitamento deste ambiente de crise já existente, vertendo para a demonização e culpabilização racial, cultural e social de povos que não se enquadrassem na sua arbitrária concepção do que seria bom para o futuro dos alemães.

Já o conceito de “fantasia estabilizadora” (CEDESTRÖM; SPICER, 2014, p. 193) marca presença quando Hitler (2016) passa a utilizar da mesma dicotomia entre povos e culturas para se constituir como o único capaz de derrotar os inimigos que ele mesmo criou. O “ariano”, patriota e nacionalista, “não judeu”, “não indiferente”, “herói”, “salvador”, “mítico”, torna-se, assim, o único, sob seu consenso unilateral, detentor da salvação do povo alemão — povo este que compra a ideia de tal modo que, posteriormente, tanto elege Hitler a chanceler, como vota em favor à criação do que veio a ser o terceiro Reich.

Dentre tantas tentativas mirabolantes de conter a crise e a falta de emprego, um discurso convincente foi o bastante para criar inimigos e soluções rápidas,

consequentemente perturbadoras. O afeto, sem dúvida, fez parte de seu embasamento, tornando-se inegável quando olhamos para a preocupação recorrente que há em relatar as dificuldades cotidianas que teve desde criança até a fase adulta, trazendo experiências comuns aos austríacos, aos alemães, aos jovens, aos operários, enquanto fortalece as hipérboles do discurso populista às suas próprias características como candidato à líder.

De todo modo, o impacto da leitura e do consequente resultado da análise demonstram a importância da ACD e da teoria do discurso de Laclau (2005) para compreender fenômenos envoltos de grandes mudanças encontradas na historiografia política, para além do historicismo. Essas teorias permitiram entender de forma mais aprofundada o que tornou tais eventos possíveis e qual o discurso reverberante nas massas e agentes políticos ligados a um acontecimento histórico.

Contudo, o que nos possibilitou ir da análise — ampliada para além das datas e da consideração generalizada do discurso — também nos dirigiu a questões que poderiam ser deixadas de lado, quando consideradas pouco importantes, tal qual o afeto na consolidação das massas como base populista — permitido pela interação dialógica entre ACD, a proposta de Laclau (2005) e a concepção lacaniana da afetividade no discurso, trabalhada por Cederström e Spicer (2014). Isso, de certa forma, pôde ser resgatado durante a leitura e a reflexão subsequente, possibilitando o detalhamento de padrões discursivos populistas paralelos às questões psíquicas.

Por fim, podemos abordar esse livro como uma cartilha do que não fazer, bem como um material completo e passível de análise sob uma questão fulcral; como um discurso tão desumano e perturbador conseguiu tanto? De forma generalizada, pode-se afirmar, a essa altura: arquitetando e seguindo padrões. Neste ponto, podemos encerrar o ensaio, tendo em mente que movimentos como este jamais devem voltar a existir, e que o único jeito de os prevenir é por meio da análise e do reconhecimento destes padrões. Nota-se que foram apresentados apenas dois dos capítulos de um livro de dois volumes, e já é possível apontar padrões precisos de um populismo reverberante em alguns partidos ainda hoje, inclusive no Brasil — algo que denota a importância da leitura atenta, crítica e reflexiva para a concepção do que nos cerca e manipula.

Referências

- BRONFENBRENNER, Urie. Toward an experimental ecology of human development. *American psychologist*, Washington, v. 32, n. 7, p. 513, jul. 1977. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1978-06857-001>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- CEDERSTRÖM, Carl; SPICER, André. Discourse of the real kind: A post-foundational approach to organizational discourse analysis. *Organization*, Reino Unido, v. 21, n. 2, p. 178-205, fev. 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1350508412473864>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- COSTA, Isabela. *A economia alemã na década de 1920: a hiperinflação e o plano Dawes (1919-1928)*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em economia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, abr. 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/5240>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- DONCEL, Luis; QUEROL, Ricardo. Edição crítica de ‘Minha luta’ é objeto de desejo no mundo todo. *EL PAÍS*, 27, fev. 2016. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/26/cultura/1456508623_592314.html > Acesso em: 18 nov. 2022.
- DONCEL, Luis; QUEROL, Ricardo. O Manifesto de Adolf Hitler: Desconstruindo ‘Minha Luta’ (sem silenciá-lo). *EL PAÍS*, 10, jan. 2016. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/26/cultura/1456508623_592314.html > Acesso em: 18 nov. 2022.
- DINIZ, Eva; KOLLER, Silvia. O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, n. 36, p. 65-76, jan-dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/rGkKHtMrZ4rRqJS8MT6WcHs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. New York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, Norman.; MELO, Iran. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. *Linha d'água*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 307-329, dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- FERREIRA, Fabio. Para entender a teoria do discurso de Ernesto Laclau. *Revista espaço acadêmico*, Maringá, v. 11, n. 127, p. 12-18, ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/12438/8335/>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers Private Limited, 2016.
- LACAN, Jacques. *The Seminar of Jacques Lacan: Book I: Freud's Papers on Technique 1953–1954 (1975)*. Nova York: WW Norton & Company, 1988.

LACAN, Jacques. *The seminar of Jacques Lacan: Book XI: The four fundamental concepts of psychoanalysis*. Nova York: WW Norton & Company, 1998.

LACAN, Jacques; MILLER, Jacques-Alain; GRIGG, R. *The seminar of Jacques Lacan: Book III: The psychoses 1955–1956*. Nova York: WW Norton & Company, 1993.

LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina S.A, 2005.

LIMA, Matheus. *Importância da oratória para o líder militar*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Militares) – Curso de Artilharia. Academia Militar das Agulhas Negras, Agulhas Negras, 2020.

PEREZ, Daniel. O populismo, a massa e a afetividade. *Conjectura: filosofia e educação*, Caxias do Sul, v. 23, n. 3, p. 171-196, set. 2018. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2178-46122018000500171&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 fev. 2023.

RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. Análise de discurso crítica: uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, Brasília v. 5, n. 1, p. 27-50, mai. 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/37761>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SALGADO, Victor. *Oratória Estudo sobre a importância da oratória para o desenvolvimento da liderança militar*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Militares) – Curso de Material Bélico. Academia Militar das Agulhas Negras, Agulhas Negras, 2019.

VISCARDI, Janaísa. *FAKE NEWS, VERDADE E MENTIRA SOB A ÓTICA DE JAIR BOLSONARO NO TWITTER*. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 1134-1157, 2020, mai. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/HWYM3LcW7yVtMY9ZbK8CWzs/?lang=pt>. Acesso em: 16 fev. 2023.

WAHL-JORGENSEN, Karin. Media coverage of shifting emotional regimes: Donald Trump's angry populism. *Media, culture & society*, Reino Unido, v. 40, n. 5, p. 766-778, mai. 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0163443718772190>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Recebido em 4 de janeiro de 2023
Aceito em 5 de fevereiro de 2023